

ABEL G. DA COSTA · ABÍLIO M. DE FARIA · JOSÉ DA SILVA CARVALHO
C. A. BROCHADO DE ALMEIDA · MARIA TERESA C. M. SOEIRO

Sondagens Arqueológicas nos Castros do Concelho de Barcelos

Abade do Neiva · Faria · Roriz



GUIMARÃES
1980



2/903(469.12)(04)

N

ABEL G. DA COSTA · ABÍLIO M. DE FARIA · JOSÉ DA SILVA CARVALHO
C. A. BROCHADO DE ALMEIDA · MARIA TERESA G. M. SOEIRO

*à Biblioteca F. Zavalha
Com o encargo
do autor*

Sondagens Arqueológicas nos Castros do Concelho de Barcelos

Abade do Neiva · Faria · Roriz



Perm.

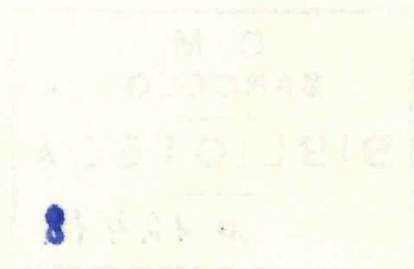
Barcelos

GUIMARÃES

1980

Separata das
ACTAS DO SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA
DO NOROESTE PENINSULAR

Julho de 1980
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS



Sondagens Arqueológicas no Concelho de Barcelos — Abade do Neiva, Faria e Roriz

por *Abel Gomes da Costa*
Abílio Mariz de Faria
José da Silva Carvalho

INTRODUÇÃO

Barcelos é, no campo administrativo, o maior concelho de Portugal, com as suas 89 freguesias. Pertencendo ao distrito de Braga, tem limites com os concelhos de Braga, Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo, Ponte de Lima e Vila Verde. A sua população vive ainda basicamente da agricultura, que explora nas várzeas férteis dos vales do Cávado e do Neiva. Porém, o sector industrial vai crescendo também a ritmo razoável, sobretudo o ramo têxtil, irradiando desde a sede do concelho para a periferia.

Arqueologicamente, Barcelos oferece valioso campo de estudo e investigação aos interessados. Os mais antigos vestígios legados pelo homem, nesta região, remontam aos períodos muito remotos do Paleolítico. Com efeito, instrumentos líticos classificados como do Acheulense Superior e Médio foram recolhidos na Quinta do Faial e em Santo Amaro, da freguesia de Abade do Neiva, bem como em Vila Frescaíña⁽¹⁾. O Asturiense está também referendado na região de Palme, Aldreu e

(1) ZBYSZEWSKI (E.) e ABEL VIANA — *Achados Paleolíticos da região de Barcelos*, in Boletim do Grupo Alcaides de Faria, N.º 1, Barcelos, 1948, pág. 7.

ainda em Abade do Neiva (2). E não é para admirar, pois na região de Barcelos-cidade e arredores assinala-se uma larga mancha de depósitos de terraços fluviais (15-25 m.), onde há abundância de seixos rolados, matéria-prima necessária à confecção de instrumentos líticos da Época Paleolítica e seguintes. Do Mesolítico e Neolítico não temos notícias, pelo menos que estejam publicadas. O Bronze está amplamente documentado nas terras de Barcelos. Machados de bronze do tipo «duplo anel» foram recolhidos na região de Viatodos, posteriormente estudados por José Fortes (3). Em Perelhal apareceu um machado de talão com anel lateral, que também aparece no vizinho castro de S. Lourenço, Vila Chã (Esposende) (4), bem como nas necrópoles de S. Paio de Antas (5) e na de Gândara, esta com cerâmica tipo Penha (6).

Cultura bastante bem representada no concelho é a Megalítica. Destacamos a série de túmulos megalíticos que ladeiam a estrada nacional Barcelos-Viana do Castelo, por alturas do Sobreiro do Rei (freguesia de Palme e Feitos), alguns semi-destruídos, outros ainda em razoável estado de conservação (7); e ainda a mámoa de Gilmonde (inérita), bem como a «maminha» da Rocha, que serve de linha divisória às freguesias de Barqueiros e Cristelo (Barcelos), e Rates e Laúndos (Póvoa de Varzim) (8). Mas onde já não se conservam os monumentos ficaram por vezes os topónimos a testemunhá-los: lugar da Anta em Fragoso, lugar da Mámoa em Aldreu, monte das Mámoas em Moure, etc.

(2) Paço (Afonso do) — *Páleo e Mesolítico Português*, sep. da Rev. de Guimarães, 1937, pág. 8.

(3) FORTES (José) — *Tesouro de Veatodos da Idade do Bronze*, Portugália, vol. II, Porto, pág. 110-111.

(4) CORREIA (A. Mendes), *História de Portugal*, vol. I, Port. Editora, Barcelos, 1928, pág. 150.

(5) ATAÍDE (Alfredo), TEIXEIRA (Carlos), — *A Necrópole e o Esqueleto de S. Paio de Antas e o Problema dos Vasos de Largo Bordo Horizontal*, I Congresso do Mundo Português, vol. I, Lisboa, 1940.

(6) Os vasos das duas necrópoles encontram-se depositados no Museu Dr. Mendes Correia, da Universidade do Porto.

(7) São as antas ou mámoas em número de sete, até ao momento inéditas.

(8) CUNHA E FREITAS (Eugénio de Andrade da) — *Alguns Documentos para a História da Póvoa de Varzim e seu concelho*, in Póvoa de Varzim, Boletim Cultural, vol. XIV, 1975.

Quanto a *habitats*, podemos indicar como certos os da cultura dos Castros e ainda aqueles povoados construídos já em plena ocupação romana, que alguns autores apelidam de castros e outros de «vicci». É de perguntar: onde se escondem os povoados pré-castrejos, da Época Megalítica e do Bronze, que entre nós deveriam ser importantes e numerosos, atendendo ao grande número de túmulos megalíticos, aos machados e outros objectos típicos do Bronze já detectados? Muitos desses machados encontrados no Norte aparecem em autênticos esconderijos, alguns constituem verdadeiros «stocks», vendo-se em diversos ainda as rebarbas do fabrico, sinal de que não chegaram a ser utilizados. Ali estariam à espera de serem transportados para centros de venda, quando por razões graves (guerras?, invasões?) foram escondidos e posteriormente abandonados. Até à data são mínimas as referências de povoados do Bronze no Norte, embora no Sul já se conheçam diversos: Zambujal, Vila Nova de S. Pedro, Olelas, Rotura, etc. Savory escreveu a este propósito: «a apreciação do Bronze Inicial, na Galiza e na Costa Biscaina da Espanha ainda mais do que no Norte de Portugal, tem de ser teórica, dada a falta de estações, de povoados com estratigrafia, e a escassez de achados associados de qualquer espécie» (9). Mas se o Bronze Antigo é de difícil apreciação, também o é o Bronze Recente, do qual conhecemos alguns exemplares de palstaves aparecidos no Minho, Douro e Beiras, e um ou outro fragmento de cerâmica representativa da época (10). Dentro de uma análise meramente especulativa, julgamos que estes povoados devem existir, salvo raras excepções, nos substractos dos «actuais» povoados castrejos. Se até ao momento não foram identificados, dever-se-á, por ventura, a não terem sido suficientemente escavados, de forma a permitir a sua detecção, ou porque as partes escavadas não atingiram as zonas mais profundas. Como se sabe, as escavações em moldes autênticos, de rigor estratigráfico, etc., são muito recentes.

(9) SAVORY (H. N.) — *Espanha e Portugal*, Ed. Verbo, Lisboa, 1974, pág. 215.

(10) PEREIRA (M. Amélia Horta) — *Autour des minières convoistées, les plus étonnants chefs-d'oeuvre*, in *Les Dossiers de l'Archeologie*, N.º 41, 1974, pág. 72.

As povoações castrejas são muito numerosas na nossa região: quase se pode afirmar que a cada alto corresponde um castro. Só dentro dos limites da freguesia de Abade do Neiva — a que nos iremos referir especificamente — parece existirem três povoados distintos deste género... (11).

Talvez que a mais importante povoação castreja desta região seja a denominada Citânia de Roriz ou do Facho (12), situada no monte do Facho ou de Oliveira. As suas dimensões são enormes e facilmente se detectam à superfície restos de construções, de muralhas e de cerâmica. Foi no sopé oeste deste monte que apareceu em 1978 mais um Monumento com Forno, em muito razoável estado de conservação (13). Castros existem na freguesia de Santa Leocádia de Tamel (14), na dos Feitos — o do monte de S. Mamede e o da Ferração (15) — e, avançando em direcção do Neiva, o de Santa Marinha, em Quintiães, do monte de S. Gonçalo, em Fragoso (16), o monte castro em Aguiar (17), o monte castro de Palme (18); e do outro lado do rio Neiva, a célebre Cidade de Carmona (Balugães), já citada por Contador de Argote (19).

Na margem esquerda do Cávado destacamos duas grandes povoações da cultura dos Castros: a Citânia do monte da Saia, com os restos do seu Monumento com Forno, detectado por Martins Sarmiento (20), e o

(11) FONSECA (Teotónio da) — *O Concelho de Barcelos aquém e além-Cávado*, vol. I, Barcelos, 1948, pág. 359.

(12) São vários os autores que mencionam esta estação arqueológica.

(13) As escavações do referido monumento estão a ser dirigidas pelo Dr. Armando Coelho, professor da Fac. de Letras da Un. do Porto.

(14) FONSECA (Teotónio da) — op. cit., pág. 372.

(15) Idem, pág. 235.

(16) Idem, pág. 347.

(17) Idem, pág. 69.

(18) Idem, pág. 369.

(19) ARGOTE (J. Contador de), *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga*, t. II, Lisboa, 1732, pág. 302 e sgs.

(20) MARTINS SARMENTO — *Os dispersos*, Coimbra, 1933, pág. 162 e 166.

Castro de Faria, no monte da Franqueira⁽²¹⁾, com enorme projecção na história da Baixa Idade Média do Norte do País. Menos importantes o Castro de Sequeade, na serra de Airó, Castelos em Airó⁽²²⁾, o monte Castro em Bastuço⁽²³⁾, Castro em Chavão⁽²⁴⁾ — e o topónimo «Cristelo», nome de uma das freguesias do concelho.

Eis, em traços muito gerais, a panorâmica arqueológica do concelho de Barcelos.

(21) Quanto ao Castro de Faria, analisá-lo-emos mais em pormenor quando tratarmos da sondagem neste Castro.

(22) FONSECA (Teotónio da) — op. cit., vol. II, pág. 13-14.

(23) Idem, pág. 67.

(24) Idem, pág. 121.

I — CASTRO DO MONTE DO FACHO

(*ABADE DO NEIVA*)

Abade do Neiva é uma pequena e airosa freguesia do concelho de Barcelos, batida de imediato pelo sol, meia levantada numa encosta resguardada do vento norte. Vizinha da cidade, tem limites pelo sul com a freguesia de Vila Frescainha (S. Martinho), pelo norte com Santa Leocádia de Tamel e Silva, pelo nascente com S. João de Vila Boa e Lijó, pelo poente com Vilar do Monte e Creixomil. É zona de feição rural, mas asseada, embora a população mais jovem prefira os trabalhos das fábricas e do comércio.

Orograficamente é de formação desigual. O ponto mais alto está no alto de Boicinhas (cota 232 m.), seguindo-se a Torre (cota 170 m.), onde se localiza a estação arqueológica de que queremos dar conhecimento. O ponto mais baixo (cota 50 m.) está no vale onde corre o ribeiro da Laje e onde se encontram os lugares de Quintã, Laje, Amorim e Vila Meã. Hidrologicamente é região pobre, correndo por ela só dois ribeiros — o da Laje e o da Várzea — que desaguam no Cávado. Há, no entanto, fartura de represas, fontes, minas e poços. No aspecto geológico, assenta em dois tipos de formação rochosa⁽²⁵⁾ — os granitos e os xistos andaluzíticos⁽²⁶⁾. A formação pétrea é constituída por granitos de tipo granodiorito, de grão médio ou fino, sendo frequentemente profiróide, e em menor escala por porfiróides de grão grosseiro ou médio. É este tipo de rocha que abunda no Castro, o qual assenta numa enorme

(25) Ligamos mais importância às rochas devido a serem aplicadas nas construções. Em épocas passadas, foram as rochas e a madeira as principais matérias de construção.

(26) TEIXEIRA (Carlos A. Cândido de Medeiros e outros) — *Carta Geológica de Portugal* (1/50 000). *Notícia Explicativa da Folha 5-C (Barcelos)*, Lisboa, 1969.

massa granítica desta qualidade. As pedras utilizadas na construção das muralhas e nas paredes das casas, conforme se conclui da análise sumária, deveriam ter sido cortadas dentro do recinto do próprio Castro ou nas imediações. Os xistos andaluzíticos são também abundantes, tendo havido aqui, nos montes próximos que ladeiam o Monte do Castro pelo oeste, explorações recentes de volfrâmio. Os povos vizinhos chamam romanas a algumas das minas mais antigas que se encontram por lá, tecendo à sua volta lendas e superstições...

Na freguesia de Abade do Neiva existe pelo menos um *habitat* castrejo — o Castro do alto da Torre. Torre é o nome por que vem designado esse monte nos mapas dos Serviços Cartográficos do Exército e dos Serviços Geográficos; é mais conhecido localmente por Monte do Facho (27) ou do Castro (28). É uma estação inteiramente inédita.

Existe também em Abade do Neiva, na mesma inédito, um povoado fortificado no lugar de Queijeiros, ao Km. 15 da estrada nacional Barcelos-Viana. Ainda é bem visível um trecho da muralha que circuitava o dito povoado pelo norte. É difícil classificá-lo como castro, pois a sua localização junto aos campos e a análise dos materiais de superfície levam a admitir que seja uma das muitas povoações construídas em plena época romana, cabendo-lhe mais a designação de «vícci». No exterior da muralha apareceu uma sepultura formada por caixa de pedra, de fundo em tégulas (29), prontamente destruída, sendo a pedra incorporada nos alicerces de uma casa que se estava a construir. A datação é difícil, perante a ausência de espólio e a destruição das estruturas, mas aceita-se que seja contemporânea do povoado ao lado.

O Castro, instalado no alto do Monte do Facho é uma povoação de dimensões razoáveis, defendida por uma série de quatro muralhas. No sopé, deste Monte, na encosta leste, fica o Penedo da Moura, que tem sido

(27) Facho é topónimo ligado à época medieval e posterior.

(28) Na vertente do Monte do Facho ou do Castro, do lado norte, existe a Quinta do Castro.

(29) A sepultura apareceu quando se cavavam os alicerces para construir uma casa.

objecto de lendas e histórias variadas. É uma volumosa massa granítica, de superfície e altitude imponentes, observável para quem passa na estrada nacional N.º 103 (Barcelos-Viana). Segundo contos antigos, para além da moura encantada (!), há ainda no interior do penedo uma gruta-labirinto, de onde não mais poderão sair os que lá entrarem, seja homem ou animal... Tempos atrás, a entrada da gruta era maior, segundo se depreende da análise do rochedo, com sinais de ter sido cortado a dinamite. Hoje, a gruta reduz-se a um pequeno abrigo de 3-4 m., sendo impossível o acesso ao interior, devido à exiguidade da abertura — fenda apertada por onde só podem entrar animais de pequeno vulto. No chão encontramos alguns fragmentos cerâmicos, muito micáceos e de pasta muito arenosa. Tais fragmentos podem ter deslizado do alto do Monte, tanto mais que a face leste é escarpada e íngreme. Mas não será descabida a hipótese da existência de um abrigo anterior à época castreja, atendendo às condições especiais da semi-destruída gruta exterior.

O Monte do Facho tem óptimas condições de defesa. Pelo lado nascente e sul é de muito difícil acesso. Mesmo assim, possui uma série de quatro muralhas, que o tornam quase inexpugnável. Estas linhas de defesa são bem patentes a quem percorrer o recinto, embora estejam destruídas. Só restam os alicerces e parte das estruturas soterradas em quantidades relevantes de terra, sendo a artificialidade das elevações por demais evidentes.

Os achados de superfície, na zona do Castro, são na quase totalidade fragmentos de cerâmica de mistura com pedaços de tégulas e imbrex. Encontrámos parte de uma mó manual, bem como inúmeros fragmentos de ardósia. Dentro do povoado há muitos penedos, de variadas proporções, alguns semi-destruídos, certamente por terem cedido as pedras das muralhas e das habitações. Verificam-se nesses penedos várias cavidades, umas naturais e outras artificiais, como é normal encontrarem-se nas povoações deste género, e que serviriam, com certeza, para bebedouros de animais.

Dos fragmentos cerâmicos de superfície destacamos alguns que, embora sem valor cedido pela estratigrafia, pelas suas formas não originais dentro da olaria castreja podem confirmar certas teorias existentes sobre estes povoados, aumentando também o número de castros

romanizados. É, então, o caso da cerâmica de importação que aí recolhemos: vários fragmentos de sigillata, várias partes de ânfora com pasta alaranjada e engobe branco-sujo de boa época, um cossoiro de pedra polida, uma infinidade de fragmentos de panelas de cozinha, bem como um fragmento de vaso da Forma 3 (30).

Os achados de superfície levam a acreditar numa romanização intensa logo nos primeiros tempos da ocupação de Roma. Porém, com o objectivo de encontrarmos outros elementos confirmativos, para melhor se ajuizar das estruturas do povoado e, sobretudo, para tentar encontrar uma referência cronológica da vida do Castro, lançámos uma vala de sondagem em terreno compreendido entre a 3.^a e 4.^a muralhas, do lado nascente, por oferecer melhores condições de trabalho (31). A leitura estratigráfica apresenta uma seriação importante. São 10 estratos perfeitamente definidos e de formação contínua. Para além de um razoável número de cerâmica recolhida (32) de inegável interesse para o estudo da cerâmica local de cariz castrejo há a assinalar o aparecimento da primitiva muralha, destruída possivelmente na época de Augusto (segundo se depreende do estudo da cerâmica), havendo sobre ela um muro de possível habitação e restos de uma lareira (33).

A sondagem realizada (figura n.º 1), (34) apesar de exígua, devido a diversos factores e até a diversas contrariedades, teve imensas vantagens. Os sinais verificados revelaram-nos um Castro bastante desenvolvido e com aspectos romanizantes bem definidos. Os materiais roma-

(30) Forma 3 é a terminologia usada por ALMEIDA (Carlos A. Ferreira de), *Cerâmica Castreja*, sep. da Rev. de Guimarães, vol. LXXXIV, pág. 25, 1975, aplicando esta classificação às panelas de copa baixa, largamente aberta, com uma asa e bordo saído. Deviam ser vasos de libações.

(31) Este trabalho foi feito nos meses de Fevereiro-Março de 1978, sendo bastante prejudicado pelas chuvas. Contávamos de levar a vala de muralha a muralha.

(32) O material cerâmico será estudado em minúcia pelos Drs. D. Maria Teresa Soeiro e Carlos Alberto Brochado de Almeida, a quem muito agradecemos o aceitarem tal encargo.

(33) Para não haver duplicação na publicação e leitura do corte estratigráfico, aconselhamos a consulta do estudo acima referido.

(34) Deverá consultar-se o mapa estratigráfico incluso no trabalho de C. A. Brochado Almeida e de Maria Teresa C. M. Soeiro.

nos encontrados, embora poucos, permitem tentar uma cronologia absoluta — e conseguiu-se também encontrar um número significativo de formas de cerâmica castreja com datações relativas. A sondagem não é suficiente para se saber quando e como terminou a vida no Castro, mas permitiu encontrar um período de ocupação intensiva. E pode definir-se a cronologia ao menos do sector da sondagem...

II

CASTRO DO MONTE DE FARIA

A sudoeste da cidade de Barcelos, distando apenas seis quilómetros, na encosta Norte do Monte da Franqueira, ergue-se um outeiro íngreme e rochoso onde se encontram as ruínas do Castelo de Faria. Situado nas terras do antigo Julgado de Faria, este castelo aparece citado como pertencendo àquele Julgado ou a alguma das freguesias que o constituíam e hoje são todas do concelho de Barcelos.

As obras mais antigas que pudemos consultar e ao assunto se referem: «Tratado Panegyrico da Villa de Barcellos»⁽³⁵⁾ e «Nobiliarchia Portuguesa»⁽³⁶⁾ escritas na última metade do século XVII, situam o referido castelo no Julgado de Faria, sem mais.

A maior parte dos autores posteriores: Abade do Louro⁽³⁷⁾, Pinho Leal⁽³⁸⁾, Pereira Caldas⁽³⁹⁾, Antero de Faria⁽⁴⁰⁾ e Américo Costa⁽⁴¹⁾, dizem-no na freguesia de Faria.

(35) POYARES, Frei Pedro de — «Tratado Panegyrico em louvor da Villa de Barcelos», Coimbra, 1672, pág. 53.

(36) SAMPAIO, (António de Villas Boas) — «Nobiliarchia Portuguesa», Lisboa, 1976, pág. 90.

(37) PEREIRA, (Domingos Joaquim), Abade do Louro — «Memória Histórica de Barcelos», Viana do Castelo, 1892 pág. 161.

(38) PINHO LEAL — «Portugal Antigo e Moderno», Lisboa, 1874. Tomo II, pág. 139.

(39) CALDAS, (Pereira) — «Raridade Bibliográfica», Braga, 1872, pág. 13. (Esta obra refere-se à «Regra Militar» de Manuel da Rocha Freire que é, aliás, uma reedição da que em 1541 um Sacerdote Religioso ofereceu a D. João III. Foi reeditada em 1642 para oferecer ao príncipe D. Teodósio com uma Relação do que fez a Villa de Barcelos após a eleição de D. João IV até ao primeiro de Janeiro de 1642).

(40) FARIA, (Antero) — Franqueira, 2.^a edição, Barcelos, 1956.

(41) COSTA, (Américo) — *Dicionário Corográfico*, Lisboa, 1934. Tomo IV, pág. 562.

O Padre António Carvalho da Costa⁽⁴²⁾ e José Azevedo e Meneses⁽⁴³⁾ situam-no na freguesia de Milhazes que, pelo Ocidente, estende os seus limites até à base daquele outeiro e até ao terreiro da Ermida de N.^a S.^a da Franqueira, abrangendo mesmo o recinto onde se ergue o pedestal com a imagem da Virgem.

Entre o povo é vulgar ouvir referi-lo como adentro da freguesia de Pereira, à qual pertence a Franqueira e o Convento dos Frades⁽⁴⁴⁾, certamente por estar quase na mesma linha e fazer parte do mesmo triângulo turístico histórico religioso.

Na realidade, o Monte de Faria está dentro dos limites da actual freguesia de Gilmonde, como testemunham os marcos ainda existentes, pelo que não restam dúvidas acerca da sua situação geográfica.

Teotónio da Fonseca⁽⁴⁵⁾ é o único autor conhecido que perfilha esta mesma opinião ao falar da freguesia de Gilmonde.

A povoação que ali existiu aparece-nos igualmente sob designações diversas: «Castro da Franqueira»⁽⁴⁶⁾, «Citânia da Franqueira»⁽⁴⁷⁾, «Castro do Monte de Faria»⁽⁴⁸⁾ e «Castelo de Faria»⁽⁴⁹⁾.

Assim, considerando, por um lado, que está dentro das terras do antigo Julgado do Faria, é este o nome

⁽⁴²⁾ CARVALHO DA COSTA, (P. António) — «*Corografia Portuguesa*», Tomo I, 2.^o edição, Braga, 1868.

⁽⁴³⁾ MENESES, (José de Azevedo e) — «*Ninbarias*», Famalicão, 1911, pág. 158.

⁽⁴⁴⁾ Este Convento, a 300 metros do Castelo de Faria, para o Norte, foi construído, em parte, com pedra do referido castelo desmantelado, no séc. XVI. Muita outra pedra terá sido aproveitada pelos povos vizinhos para construções de muros e casas. Assim se explica que as muralhas tenham sido reconstruídas apenas com pedra miúda.

⁽⁴⁵⁾ FONSECA, (Teotónio da) — «*O Concelho de Barcelos, Aquém e Além Cávado*», tomo II, Barcelos, 1948, pág. 183 e 184.

⁽⁴⁶⁾ SERRÃO, (Joel) — «*Dicionário da História de Portugal*», vol. I, pág. 535.

⁽⁴⁷⁾ FARIA, (Antero) — «*Franqueira*», 2.^o edição, 1956, pág. 27, Barcelos.

⁽⁴⁸⁾ ALMEIDA, (Carlos Alberto Ferreira) — «*Influências Meridionais na cultura castreja*». Separata da Revista da F. L. U. P., Série História, vol. IV, 1973, pág. 9.

⁽⁴⁹⁾ Boletim do Grupo Alcaides de Faria, Ano 1.^o, n.^o 1, pág. 33.

por que é conhecido e ainda porque o «Feito dos Alcaides de Faria» o fixou para sempre nas páginas da História e tendo em conta, por outro lado, as características actualmente visíveis daquele povoado castrejo, entendemos que se deve dizer «Monte de Faria» e «Castro», isto é, «*Castro do Monte de Faria*», freguesia de Gilmonde, concelho de Barcelos.

O Castelo de Faria foi um dos baluartes da linha de defesa da então vila de Barcelos. Até ao século de quatrocentos, Barcelos era uma povoação aberta defendida por quatro castelos colocados em duas linhas paralelas. Ao Norte, na margem direita do Cávado, o castelo do Neiva junto ao litoral, e o de Aguiar mais para o interior. Ao Sul, na margem esquerda, o Castelo de Faria, a juzante, e o de Penafiel, a montante.

Do monte de Faria avistam-se à distância as montanhas do Gerês, as terras de Bouro, o Monte do Bom Jesus de Braga e as praias do oceano entre Apúlia e Aguçadoura. Mais próximo, desenvolvem-se os montes de São Félix, de Rates e da Saia, na margem esquerda; os montes do Facho, do Neiva e do Faro, na margem direita.

«O Castelo de Faria, com suas torres e ameias, com a sua barbacã e fosso, com seus postigos e alçapões fer-rados, campeou aí como dominador dos vales vizinhos»⁽⁵⁰⁾. Circundando e envolvendo o outeiro onde se levanta o referido castelo, estão a descoberto claros vestígios duma civilização castreja. Trata-se duma povoação solidamente fortificada. Gigantescos blocos de granito a nascente e uma ladeira íngreme e escarpada a poente propiciam-lhe refúgio e defesa natural. Mas a mão do homem tornou-o mais inacessível. Acrescentou-lhe novas garantias ao construir uma tríplice muralha. Dois fossos, em parte visíveis, reforçam ainda este sistema defensivo. Embora desmanteladas em grande parte e pouco salientes, um metro aproximadamente, os restos das muralhas revelam claramente a grandeza das suas dimensões. A terceira não está ainda visível em

⁽⁵⁰⁾ HERCULANO, (Alexandre)—«*Lendas e Narrativas*». Vol. I, pág. 190. Liv. Bertrand — Amadora, 1978.

toda a sua extensão e parte foi destruída ultimamente, ao rasgar-se a estrada que dali leva à freguesia de Milhazes. A segunda, descoberta na sua totalidade, é uma forte muralha duplamente reforçada impedindo o acesso ao cume do outeiro e dividindo a povoação. A primeira, denunciando tentativas de reconstrução recente com pedra miúda, como aliás a segunda, é a que apresenta melhor estado de conservação.

A segunda apresenta aparelho primitivo intacto que foi respeitado pelos reconstrutores. Noutro trecho vêem-se grandes pedras que bem podem ter pertencido à muralha primitiva.

A torre de menagem do Castelo de Faria, no cimo do outeiro, foi também reconstruída na década de 40 conservando ainda, na parte inferior, o aparelho primitivo.

Os vestígios da povoação encontram-se, como é hábito nas civilizações castrejas, sobretudo entre a terceira e a segunda muralha.

Na zona nascente, ladeando a entrada de mais fácil acesso ao picoto, vêem-se restos de casas redondas com vestíbulos e outras rectangulares de cantos arqueados e pequenas ruelas pavimentadas.

Na zona Ocidental, abrindo directamente para o vale, em plano levemente inclinado, deparamos também com várias casas de feição poligonal e pequenas ruas empedradas.

No interior da segunda muralha, voltado a poente e emergindo duma pequena praça empedrada, levanta-se um talude que sustenta as terras do suculto superior. Ao centro da praça há restos duma casa circular. Do talude destaca-se uma pedra vasada de pequeno diâmetro que pode ter servido de pia ou função análoga. Ao sair a porta da segunda muralha que dá para o Norte deparamos com os fundamentos duma casa redonda em aparelho de pedra miúda.

As escavações do monte de Faria⁽⁵¹⁾ tiveram uma primeira fase em 1929 e uma segunda em 1936-40⁽⁵²⁾. Mas, lamentavelmente, não há estratigrafia o que diminui consideravelmente o valor e alcance do trabalho realizado. Os objectos foram recolhidos removendo desordenadamente a terra, embora houvesse o cuidado de a joeirar em busca de moedas e quejandos. Esqueceram-se de que, na expressão de Leroi-Gourhan⁽⁵³⁾, mais importante que a recolha dos objectos é estabelecer as relações mútuas dos diversos elementos. Foi desrespeitada a estratigrafia que nos permitiria discernir os diferentes estratos determinando a sucessão e estabelecendo a cronologia relativa. Nem restam indícios do tipo de escavação, horizontal ou vertical, se algum foi adoptado. Muito menos é de supor que tenham combinado os dois métodos, dada a absoluta falta de memórias descritivas, desenhos ou fotografias. Certamente por isso, Maluquer de Motes⁽⁵⁴⁾ no seu artigo: «A Propósito de unas cerâmicas procedentes del Castelo de Faria» inserto no Boletim do Grupo, termina com um apêlo aos arqueólogos portugueses para que empreendam estudos estratigráficos detalhados que possibilitem estabelecer a cronologia relativa em cada povoado.

(51) Um grupo de Barcelenses, empregados comerciais, funcionários públicos e pequenos industriais, em 1929, decidiu constituir-se em sociedade com o objectivo de explorar as ruínas do Castelo de Faria. Nascia, assim, o «Grupo Alcaides de Faria» que procedeu a sucessivas escavações em 1929 e 1936-40. Descoberta a povoação castreja, nas fraldas do referido Monte, alargaram naturalmente o seu campo de acção, publicam o Boletim que leva o nome do Grupo, fazendo sair dois números, onde se dão conta do trabalho realizado e tentam catalogar, com a análise de especialistas, os objectos encontrados. Perante a oposição sistemática dos proprietários e na impossibilidade de chegarem a acordo, pediram e obtiveram do Ministério da Educação Nacional a classificação do local e de todo o existente como monumento nacional. O Estado fez, depois, as expropriações necessárias à conservação do Monumento, como consta do processo afecto à Repartição do Património Nacional da Direcção Geral da Fazenda Pública.

(52) FRANQUEIRA, (Jornal) — Separata do n.º 10 de 15-2-46 — Pola Lei — Pola Grei, pág. 4.

(53) LEROI-GOURHAN, (A.) — «*As vias da história antes da escrita*». Artigo inserto no livro «*Faire de l'Histoire*» vol. I, Ed. Galimard, 1974, pp. 93-105. Textos do Centro U. do Porto.

(54) MOTES, (Maluquer) — «*Boletim do Grupo Alcaides de Faria*», Ano 1.º n.º 1, pág. 38.

Segundo o testemunho pessoal do senhor João Luís Ferreira, o único sobrevivente dos Vinte sócios fundadores do Grupo Alcides de Faria, a revelar muito amor à causa, foram múltiplos os achados, a maior parte dos quais espera, se possível, análise paciente e criteriosa⁽⁵⁵⁾. No interior da segunda muralha encontraram moedas, ferraduras, freios, ferros de limpeza de cavalos, acicates de cavaleiros, cotas de malha, pontas de dardos, louças, objectos de uso pessoal, doméstico e de combate entre o qual vinte e seis pelouros de catapultã e alguns milhares de seixos. Registaram também o aparecimento de munições e apreciável quantidade de cereais carbonizados.

Na segunda fase das escavações e já no exterior da segunda muralha, remexendo escombros e desventrando humílimas casas, recolheram: picos, percutores, machados pétreos, polidores, mós manuais, pesos de rede, grande variedade de cerâmica: «cerâmica manual de tipo eneolítico (do vaso campaniforme, anterior a 2500 anos antes de Cristo), cerâmica da Idade do Ferro, produtos micáceos, cerâmicas escuras preliminares, depois os tons róseos arretinos, o alvorecer da ornamentação castreja, exemplares perfurados, toda a ingénua indústria louceira, enfim, dos povos primitivos se encontra largamente representada»⁽⁵⁶⁾.

Depois desta data, 1936-40, não há notícia de outras escavações. Houve abandono progressivo da estação arqueológica⁽⁵⁷⁾, apenas interrompida por um ou outro trabalho esporádico.

O material arqueológico proveniente das escavações

(55) O Senhor Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida já iniciou, em tempo, esse estudo criterioso que aguarda, segundo sabemos, ocasião propícia de publicação.

(56) FRANQUEIRA, (Jornal) — Separata do n.º 10, de 15-2-46, Pola Lei-Pola Grei, pág. 6.

(57) O mato, as silvas, as giestas, os sobreiros e pinheiros cresciam aí livremente fazendo obra de destruição. Apresentado o problema à Câmara Municipal e solicitada a colaboração dos Escuteiros para fazer a limpeza ao local, aquela entidade concedeu-lhes para o efeito o subsídio de dez mil escudos. De novo se tornam visíveis aquelas pedras velhinhas de milénios. Está já terminada a tarefa na zona do Castelo, teatro de grandes feitos, nomeadamente a conquista do Castelo em posse do Conde de Trastamar, por

de Faria foi objecto de alguns estudos parcelares, nomeadamente no Boletim do Grupo Alcaides de Faria.

J. Martines de Santa Olalla⁽⁵⁸⁾ estudou algumas peças, entre as quais um fragmento historiado em que sobressai a figura de um homem conduzindo um cavalo e empunhando possivelmente uma lança curta. O fragmento que Santa Olalla considera tipicamente céltico é um fragmento de produção castreja, embora raro, como o considera Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁽⁵⁹⁾.

Maluquer de Motes estudou também alguns fragmentos a partir da decoração, dividindo-a em dois grandes grupos: decoração em relevo e cerâmica incisa⁽⁶⁰⁾.

J. San Valero Aparisi analisou vários materiais procedentes do monte de Faria de sílex, pedra e barro cozido⁽⁶¹⁾.

Escapou, porém, à análise dos historiadores da época, a presença de três fragmentos de cerâmica grega de pasta avermelhada e engobe negro brilhante, possivelmente datados do séc. IV-III a. C.⁽⁶²⁾

Analizadas, embora sumariamente, as escavações de 1929 e 1936-40 no Castro de Faria e seu espólio, oferecemos agora a primeira estratigrafia que dali se conhece e respectivos achados, sobretudo fragmentos de cerâmica, o que muito poderá ajudar a estabelecer a sua cronologia e contribuir de algum modo para o estudo da diacronia da cultura castreja⁽⁶³⁾.

D. Afonso Henriques, Primeiro Rei de Portugal, e o Feito dos Alcaides de Faria em 1373, narrado por Fernão Lopes e recordado por Alexandre Herculano nas Lendas e Narrativas. O trabalho está agora em curso pela zona do Castro.

⁽⁵⁸⁾ SANTA OLLALA, (J. Martines) — «*El fragmento cerámico celtico*», in Boletim do Grupo Alcaides de Faria, n.º 1, pág. 21-28, Barcelos, 1948.

⁽⁵⁹⁾ ALMEIDA, (Carlos Alberto Ferreira) — «*Cerâmica castreja*», op. cit.

⁽⁶⁰⁾ MOTES, (Maluquer) — «*A proposito de unas ceramicas procedentes del Castelo de Faria*», in Boletim do Grupo Alcaides de Faria, n.º 1, pág. 33-38, Barcelos, 1948.

⁽⁶¹⁾ APARISI, (J. San Valero) — «*Restos del Castro de Faria*», in Boletim do Grupo Alcaides de Faria, n.º 2, pág. 11-15.

⁽⁶²⁾ ALMEIDA, (Carlos Alberto Ferreira) — «*Cerâmica Castreja*», op. c. Pág. 27.

⁽⁶³⁾ O estudo do material agora recolhido, será oportunamente publicado conjuntamente com a estratigrafia, pois implica um conhecimento dos materiais castrejos exumados em escavações anteriores e que por manifesta falta de tempo não foi possível fazer até ao momento.

A sondagem, muito modesta certamente, processou-se entre a segunda e a terceira muralhas, na vertente Norte-Sul, em terreno levemente inclinado.

A escolha do local não obedeceu a critérios definidos, mas porque oferecia condições razoáveis de trabalho, sem interferência de obstáculos naturais, e porque a análise da superfície revelou uma pequena elevação artificial que se poderia traduzir em construções enteradas, que a sondagem confirmou.

Foi uma pesquisa simples que não levantou grandes problemas de interpretação técnica. Entretanto, a sucessão de estratos de ocupação como adiante veremos, faz dela uma sondagem *sui generis*, pois não é fácil, nem normal, encontrarem-se quatro pisos de ocupação em oito estratos e numa escassa profundidade de aproximadamente 1,50 m.

À imagem de Abade do Neiva, também aqui a estratigrafia se apresenta com carácter seguido e com ambiências culturais bem definidas, exceptuando os materiais do estrato oitavo que são de cronologia difícil, pois a sua feitura manual leva-nos para campos mal estudados da cerâmica castreja.

O material recolhido é abundante, especialmente em restos cerâmicos divididos pelos vários estratos de ocupação, bem selados pelos diversos pisos. Entre o material exumado é de destacar um fragmento de vaso carenado, típico das cerâmicas do Ferro, muito comum em estações do Centro do País, especialmente na região de Conimbriga (64).

(64) ALARCÃO, (Jorge de) — *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974, pág. 58-63.

III

A CITÂNIA DE RORIZ

NA SERRA DE OLIVEIRA

De entre as povoações castrejas do concelho de Barcelos, ocupa um lugar proeminente a citânia de Roriz no concelho de Barcelos também conhecida por citânia do Monte do Facho ⁽⁶⁵⁾, tão importante como desconhecida e abandonada.

Encontra-se esta Citânia na Serra de Oliveira, no Monte do Facho, a 7.750 metros para N. E. em linha recta da ponte de Barcelos e na margem direita do rio Cávado, com a cota máxima de 324 metros ⁽⁶⁶⁾.

Ocupa a zona cimeira do referido monte do Facho, onde confinam as duas freguesias, Oliveira e Roriz, ambas do concelho de Barcelos.

José Augusto Vieira ⁽⁶⁷⁾ referindo-se ao Monte do Facho e à Citânia em causa, diz o seguinte: «Nesse monte, mistério de terra e granito, ainda por explorar, encontram-se evidentíssimos vestígios de uma população antiguíssima, celta ou romana, quem o sabe, talvez uma e outra cousa, como na Citânia de Briteiros, mas que em todo o caso, deverá ser considerável, atendendo à extensa área que esses vestígios ocupam. D'ahi viriam as famílias que fundaram a Barcelos actual e assim se explica a etymologia de Barcellos — filhos de cilenos — como um desdobramento d'aquela núcleo celta». Evidentemente que a falta de argumentos que fundamentem esta opinião, a tornam improvável.

⁽⁶⁵⁾ FONSECA, Teotónio da, — O Concelho de Barcelos Aquem e Além Cávado, I vol. (Aquem Cávado), Barcelos, 1948, pág. 69.

⁽⁶⁶⁾ Carta Topográfica, extraída da fracção n.º 55, da Carta Militar de Portugal — Serviços Cartográficos do exército

⁽⁶⁷⁾ VIEIRA, José Augusto — Minho pitoresco, tom. I, Lisboa, 1888, pág. 116.

A Pinho Leal⁽⁶⁸⁾ cabem as honras da melhor descrição dos vestígios aqui existentes, afirmando, segundo a tradição popular, que se encontram aí os restos da antiga cidade de SANOANA, e declara que, enquanto uns pretendem ser esta palavra corrupção de citânia, outros, e julga ser mais provável, dizem que é de SANOANE, corruptela de S. João.

Teotónio da Fonseca⁽⁶⁹⁾ diz o seguinte «Vê-se pela extensão ocupada que aqui existiu, em eras pré-históricas e ainda no domínio dos romanos na Península, uma grande povoação, cujo nome se perdeu. Hoje é conhecida por Citânia de Roriz, Eira dos Mouros e cidade de Çanhoane».

SANOANE já se encontra no P.e Luis Cardoso⁽⁷⁰⁾, ao dizer: «Chamasse a Serra de Oliveira, no alto della na tradeção assistiram os Mouros e se chama a cidade de Sanoane, e ainda mostra os vestígios das muralhas em partes e valos de trincheiras».

Mais tarde, Augusto Filipe Simões⁽⁷¹⁾ estuda o topónimo e, sem nos dizer a fonte, deriva a palavra ÇANOANA de CINANIA.

Nem Vieira, nem Teotónio da Fonseca esclarecem mais o assunto.

Modernamente, em 1944, referiu-se a este castro o P.e Eugénio Jalhay⁽⁷²⁾, para desfazer a confusão com a citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, que também era apelidada de Citânia de Roriz.

A colheita bibliográfica, pobre em deduções filológicas, deu, em contrapartida vastidão de nomes para o castro: CITÂNIA DE RORIZ, EIRA DOS MOIROS, CIDADE DE ÇANOANA, SANOANA, ÇANHOANE, SANOANE, e CINANIA.

(68) LEAL, Pinho — Portugal Antigo e Moderno.

(69) Não há dúvida que Teotónio da Fonseca bebeu as informações na mesma fonte que Pinho Leal, ou em fontes condzentes.

(70) CARDOSO, P.e Luis — Memórias Parochiais, Tom. 32, 1759, pág. 959, n.º 157.

(71) SIMÕES, Augusto Filipe — Estudos Diversos, Coimbra, 1888, pág. 286.

(72) JALHAY, P.e Eugénio — A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), separata do Vol. XXXIX, da revista Brotéria, pág. 6.

A referida Citânia de Roriz encontra-se cercada de três muralhas bem visíveis em vários locais. Esta mede, entre muros da terceira muralha, no diâmetro N-S, 98 m. Entre a segunda e a terceira muralha, na direcção N-S, vai a distância de 75 metros. Entre esta e a primeira muralha, na mesma direcção, há uma distância de 42 m.

A área compreendida pela citânia encontra-se, actualmente, na posse de vários proprietários. Esta encontra-se arborizada com pinheiros, sobreiros, mato e outros arbustos. A parte compreendida dentro da terceira muralha é actualmente pertença, quase exclusiva, da Confraria de N.^a S.^a do Facho da freguesia de Oliveira, onde se encontra uma capela sob este título, mandada construir em 1942.

Ao lado da mesma capela, na direcção sul, há um cruzeiro-monumento mandado levantar a expensas da Câmara Municipal de Barcelos e com a ajuda da população de Oliveira, assinalando os centenários de 1140 e 1640. Este cruzeiro foi levantado em 1940.

A maior parte das construções antigas, ali existentes, encontram-se soterradas e em contínuo estado de deterioração, em virtude das raízes de árvores ali existentes. Apenas se encontram à vista algumas construções e isto devido à curiosidade de certos particulares que por ali fizeram algumas escavações, certamente à procura de algum tesouro imaginário.

Há vestígios de três muralhas ali existentes. No entanto, as mais visíveis são a segunda e a terceira.

Da primeira muralha há alguns vestígios observáveis, mas os mais visíveis estão junto à abertura recente de um caminho de acesso à capela, a que já fizemos referência, e que cortou, na direcção Norte-Sul, a primeira e a segunda muralha. Da segunda muralha há vestígios no contorno de todo o seu perímetro. Em parte soterrada, em parte com panos visíveis, de aparelho cuidado, é indubitavelmente uma das que foi construída em plena época romana, já que a técnica utilizada é de nítida influência romana.

Ainda da mesma muralha, do lado do sul, há vestígios. É bem observável uma grande pedra à superfície do terreno que foi aproveitada e incorporada na face exterior da mesma.

Da terceira muralha, a mais interior, encontram-se vestígios observáveis em toda a sua volta. Convém notar que este aparelho é diferente do da segunda muralha e com todas as características do amuralhamento medieval. Convirá recordar que o monte é mais conhecido por Monte do Facho e aí funcionou um posto de observação até ao Século XIX. Esta muralha, feita à base de pedras de grande porte, mas informes, foi mais ou menos colocada sobre os restos de uma anterior que pelos escassos vestígios conservados é precisamente idêntica à técnica da segunda muralha.

É dentro desta terceira muralha que se situa a parte mais elevada, a acrópole, do Monte do Facho.

Todas as ruínas das habitações, detectáveis à superfície, encontram-se entre a segunda e a terceira muralhas.

A espessura das paredes das habitações oscila entre 40 e 60 centímetros. Há casas circulares com aparelho irregular, formado por pedras não lavradas, ou pouco lavradas. Outras existem, porém, circulares como as primeiras, mas de aparelho castrejo, magnificamente trabalhado, com as fiadas dispostas em forma de hélice, que se adapta muito bem às paredes curvas. Este aparelho castrejo ou helicoidal, no dizer de F. Lopez Cuevillas⁽⁷³⁾, é abundante no Minho português.

Há também construção de habitações de forma rectangular; umas de ângulos vivos, o que denota que desconheciam ou não faziam caso dos enlances das esquinas, que se fazem hoje pelo sistema de pedras cruzadas chamadas machos. Limitavam-se simplesmente a junta dois muros. Assinalando uma época de transição da construção de casas redondas para as quadradas ou rectangulares, encontram-se casas rectangulares com ângulos arredondados. Estas construções em forma quadrada ou rectangular denunciam uma romanização dum castro de época anterior.

A atestar, ainda, esta romanização, temos o testemunho de um lajeado muito cuidado formado por pedras pequenas rectangulares e dispostas em fiadas. Pela dis-

⁽⁷³⁾ CUEVILLAS, F. Lopez — La Civilización Celtica en Galicia, Santiago de Compostela, 1953, pág. 128.

posição e trabalho das mesmas é pavimento de praça ou rua de adiantada época de romanização.

Entre a segunda e a terceira muralhas existe um penedo com «fossetes», de época pré-histórica, cuja finalidade é discutível.

De entre os vários achados, merece especial atenção uma machadinha castreja, achada ocasionalmente, hoje guardada no Museu Alcaides de Faria. «A machadinha de Roriz», assim é chamada, pesa 9,45 gramas e tem de comprimento 55 milímetros. É de bronze, não tem decoração, a não ser que tenha sido destruída pelo tempo. Apresenta duas lâminas: uma paralela ao eixo do alvado e outra não o é totalmente⁽⁷⁴⁾. Apareceram também várias mós. Sabemos que estas mós manuais são contemporâneas da roda do oleiro, destinada ao fabrico da cerâmica.

Há ainda várias pias escavadas na rocha e inúmeros fragmentos de cerâmica espalhados por todo o perímetro do castro.

O antigo acesso ao monte, onde a citânia está situada, fazia-se por um caminho carrário, de mau piso, às vezes simples vereda, ainda hoje existente, em grande parte do percurso.

A necessidade, porém, de haver ligação mais fácil entre a povoação de Oliveira e a capela da Senhora do Facho, localizada no alto da serra de Oliveira, levou a população local a abrir um caminho, em parte aproveitando o antigo, mas que permitisse a subida a veículos automóveis. Quando o novo caminho, de piso de terra, entrou na zona do castro, necessariamente que teve de cortar as estruturas, aí implantadas, destruindo-as, já que o progresso não se compadece de sentimentalismos.

Ao entrar no castro, o caminho cortou todas as muralhas, que são três, deixando bem visível, nas margens laterais, uma estratigrafia de fácil leitura, bem como as radiografias das muralhas e muros, que correm perpendicularmente ao novo caminho.

(74) PAES, Sallés, — in Boletim do Grupo Alcaides, de Faria, Barcelos, n.º 1.

Aqui fizemos uma limpeza num dos lados do caminho de modo a podermos analisar a estratigrafia do corte e a recolher-se a maior quantidade possível de cerâmica e demais achados dignos de estudo para a cronologia do castro. Como adiante se verá a cerâmica recolhida revelou-se importante, trazendo algumas achegas para o estudo da cerâmica castreja e possíveis influências recebidas.

Para além da limpeza e análise estratigráfica do perfil do caminho, lançamos uma vala de sondagem junto à muralha n.º 2, orientada no sentido SE/NO e em local intacto, pois conhecendo nós bem a citânia, deparamos com inúmeras tentativas de escavações, feitas atabalhoadamente, sem critérios nem rigor científico (75).

São inúmeros os muros de casas redondas ou quadradas, de muros de divisão de bairros ou de marginalamento de ruas, postos a descoberto pelos muitos caçadores de tesouros que de vez em quando por lá aparecem. A delapidação tem sido enorme e certas zonas há que estão amplamente remexidas. Felizmente que a citânia é grande o que permite ainda um estudo criterioso, apoiado em escavações bem dirigidas, de modo a atingir-se aquilo que, até ao momento, não tem passado de uma miragem, isto é, a revelação de uma grande cidade da época castreja e romanizada.

A sondagem revelou-se frutuosa tanto pelos materiais recolhidos, bem como pelos objectivos em vista, pois conseguiu-se, pelo menos naquele sector, datar-se com relativa segurança, a construção da muralha, bem como o começo da ocupação.

O nosso objectivo foi atingido com a sondagem estratigrafada; foi uma tentativa de acabar definitivamente com as pesquisas amadoras, que têm destruído um dos maiores *Castros* do norte do país e um dos de maior pujança económica a fazer fé quer na sua enorme extensão, quer nos inúmeros achados de superfície.

(75) Consultar os mapas estatigráficos inclusos no trabalho de C. A. Brochado de Almeida e de Maria Teresa C. M. Soeiro.

Sondagens nos castros de Abade do Neiva e Roriz (BARCELOS, 1978)

por *C. A. Brochado de Almeida*
e
Maria Teresa C. M. Soeiro

Circunstâncias várias levaram-nos a acompanhar no ano de 1978 as sondagens feitas em duas estações arqueológicas do Concelho de Barcelos: o castro de Abade do Neiva, na freguesia deste nome e o castro de Roriz na freguesia de Oliveira (1). Apesar de reduzidos a uma vala em cada um dos castros (2), pensamos que o espólio e as sugestões dadas pela estratigrafia merecem ser apresentadas.

Começamos pelo castro de Abade do Neiva, menos conhecido ou inédito, onde lançámos uma vala de 5 × 1 m, direcção W-E, no interior e em perpendicular à terceira muralha da vertente e do monte. O terreno é uma bouça com bastantes árvores e mato, mas que mantém nítido o forte declive devido à antiga muralha.

A estratigrafia do local, de leitura clara, não oferece segurança para generalizações, dadas as reduzidas dimensões, mas podemos vislumbrar ocupações em diferentes momentos. Passamos a descrever: (Fig. 1)

As duas primeiras camadas são de terra escura, vegetal, com um espólio cerâmico que inclui um pé de Sigilata Hispânica de boa qualidade, pertencente à

(1) Trabalhos feitos no âmbito de uma disciplina do Curso de História da Faculdade de Letras da Univ. do Porto, pelos elementos que assinam a comunicação «Sondagens em Castros da região de Barcelos (Abade do Neiva, Roriz e Faria), aos quais agradecemos poder fazer este trabalho.

(2) Ver localização e bibliografia na comunicação referida.

forma Drag. 15/17 (3), fragmentos romanizados de engobe laranja, ânfora e alguma cerâmica castreja tardia de que ilustramos um fundo de tigela com pasta arenosa bege e coberta com um espesso engobe laranja (Est. I, 1), imitando o gosto da Sigilata (4). São materiais vulgares a partir dos meados da segunda parte do séc. I d. C.

O nível três parece ser da destruição do muro I, camada barrenta com pedras na parte superior. Forneceu bastante cerâmica, toda feita à roda. Um grupo pertence ao «estilo E», pasta bege com engobe laranja, identificando-se um bordo de imitação de Ritterling 5 (5). De datação mais precisa, será um bordo de Drag. 24/25 sudgálica, com roleta (6). Em cerâmica comum vemos bordos de grandes dólios com superfícies internas bem alisadas, vasos de asa interior com perfis diversos, vários bordos e fundos pertencentes à Forma 1 e 2, fundos reforçados, a maior parte deles polidos, o mesmo para os bordos com polimento nas duas faces ou na externa, totalmente, ou na interna até ao colo. Bojos têm toros de reforço e outros elementos decorativos, predominando a corda. Este estrato parece pouco posterior aos meados do século.

Uma sequência certamente ligada à ocupação do espesso piso de barro vermelho, bem queimado, construído desde o Muro A, passando sobre a muralha antiga, onde uma zona mais queimada denuncia a lareira, é constituída pelas camadas 4 e 6, a primeira e a última de terra negra com carvão, a 5 com aspecto saibrento mais clara. O espólio, abundante sobretudo no nível 6, sobre o piso incluiu vasos feitos à mão ao lado de outros feitos à roda. Uma sugestão cronológica vem-nos do aparecimento neste último estrato de um bordo de Sigilata Itálica da Forma 27 de Goudineau (7), que nos leva à primeira metade do

(3) M. A. Mezquiriz de Catalan, *Terra Sigillata Hispânica*, T. I, Valência, 1961, págs. 53-57.

(4) Carlos A. Ferreira de Almeida, *Escavações em Monte Mozinho*, II, 1975/76, Penafiel, pág. 17.

(5) Carlos A. Ferreira de Almeida, *Cerâmica Castreja*, Sep. da Rev. de Guimarães, Vol. LXXXIV, 1975, pág. 28. A este trabalho se referem os «estilos» e «formas» a que nos referimos, dispensando citação.

(6) F. Oswald, T. O. Pryce, *An Introduction to the Study of Terra Sigillata*. London, 1920, pág. 172.

(7) Christian Goudineau, *La Céramique Aretine Lisse*, Paris, 1968, pág. 298.

século, considerando ainda o tempo de uso que poderia ter tido. Mantém-se o aspecto polido dos fragmentos castrejos e a decoração é mais variada (Est. I, 4 a 11); original é um bojo feito à roda que a seguir à dois sulcos finos horizontais apresenta uma espécie de «ramos» incisos terminados por pequenos furos mais profundos (Est. I, 4). Em formas pequenas encontramos bordos de copas (Forma 3 ou 4) e asas pentagonais que lhes poderão pertencer e outros bordos e fundos semelhando redução da Forma 1 e 2 ou pertencentes à 6, sem sinais de terem estado ao fogo. Encontramos também uma cerâmica conhecida noutros castros, de pasta muito fina e pouco consistente, bege. Ainda se vê neste bordo o arranque da asa. Seria talvez recipiente para beber (Est. I, 2). Um vaso aberto semelhante à Forma 16 apresenta quatro orifícios feitos depois da cozedura para algum conserto ou substituir uma asa partida (Est. I, 3). A panela da Est. II, 1 e outras semelhantes, negras e feitas à mão, com interior polido e exterior coberto de fuligem, pertencem a uma tradição anterior. O mesmo acontece com uma asa pentagonal anelar, polida, colocada sobre a pança de um vaso médio. Os fragmentos de ânfora são de pasta laranja ou a tender para o rosa, com engobe exterior branco.

Abaixo deste piso encontramos a antiga muralha, já destruída na primeira metade do séc. I D. C. O estrato 8 de terra negra com carvão e pedaços de barro pode sugerir uma aplanagem do local para lançar o piso 7 que assenta em parte sobre as pedras da muralha. O espólio é pouco, uniforme, com igual percentagem de cerâmica feita à mão e à roda.

A partir do estrato 8, o espaço vai limitar-se ao vão entre um grande penedo e a espessa muralha de pedra pequena e média que assenta sobre o chão natural. É uma zona propícia a um enchimento rápido a seguir à construção da muralha como se verifica pela camada 10 de terra escura, solta, com grãos de pedra, carvões e saibro. Tanto quanto esta estreita e curta vala deixa entender, o espólio aqui encontrado corresponde à época da construção da muralha ou pouco anterior, provindo da parte mais alta. A cerâmica é bastante uniforme, dum horizonte castrejo mal conhecido, toda feita à mão, pouco dura, de cores escuras, polida ou bem alisada. Abundam os perfis pouco curvos, caracterizados por um certo bordo horizontal (Est. II, 4 a 6). Encontrámo-los de vários tama-

nhos, tendo o exemplar ilustrado (Est. II, 4), no início da pança, uma decoração incisa que parece ser de triângulos, incluível no «Estilo A». Junto com este vaso apareceu uma tigela (Est. II, 3), também feita à mão, de pasta arenosa castanha com interior polido. A decoração, muito leve, é constituída por dois sulcos horizontais a seguir ao bordo seguido de triângulos. Dispersos, havia fragmentos de piso de barro laranja com pequenas circunferências impressas (diâmetro 15 mm) e ainda um pedaço de barro com superfície lisa, caiada e manchada de azul, sem dúvida de parede,

O estrato 9, anterior à destruição da muralha ou contemporânea, com terra saibrenta, deu cerâmica feita à mão, semelhante à do estrato 10, que nos parece anterior a Augusto (8).

Sem pretendermos tirar conclusões sobre a vida deste povoado, dado o limitado da sondagem, deixamos a sugestão que o castro tinha uma muralha de mampostura, bastante larga e de superfícies laterais alargando para a base, que teria sido destruída antes do séc. I D. C., facto que não obstou a que a população continuasse a viver neste sector, construindo um piso sobre a muralha antiga e utilizando-o durante o séc. I D. C.

No castro de Roriz (Oliveira) tivemos ocasião de, enquanto se escavava uma vala de $7,2 \times 1$ m perpendicular ao interior da segunda muralha da vertente SE, fazer a limpeza de um corte da mesma muralha, mais para sul, aberto pela feitura do caminho que conduz ao santuário.

À superfície, numa área bastante dilatada, vêm-se ainda antigas muralhas, casas e praças, assim como abundante espólio cerâmico (9). Apesar de não estarem em estratigrafia, apresentamos alguns destes materiais de superfície que nos parecem mais curiosos. É o caso de um bordo feito à roda, com asa exterior (Est. III, 5),

(8) É pela época de Augusto que no Mozinho as cerâmicas são marcadamente feitas à roda; para já utilizamos esta lição.

(9) Também sobre a localização e bibliografia respeitante a este castro, remetemos para a comunicação citada na nota 1.

semelhante à Forma 17, mas que pela posição da asa e ausência de fuligem, sugeríamos fosse entendido como testo (10). Bordo de dólio (Est. III, 6), feito à roda, pasta arenosa, castanha-clara, mal alisado, que permite assentar uma tampa; debaixo do bordo as maiúsculas «I F», riscadas na pasta fresca. Mais antigo será um grande vaso (Est. III, 1), feito à mão, de pasta escura e perfil pouco curvo, terminado num pequeno bordo horizontal. Tem sobre a pança uma asa bilobada anelar, e à mesma altura um mamilo. Formas castrejas mais pequenas, são um pequeno vaso de que só temos o colo e o bojo (Est. III, 2), feito à roda, pasta acinzentada, com decoração de três toros lisos no alto do bojo, seguidos por duas faixas de incisões oblíquas e também uma copa (Est. III, 3) de que desconhecemos o fundo e se teria asas, feita à roda, pasta castanha-clara bem polida. Tem dois toros lisos a seguir ao bordo. Fragmento antigo é um bojo (Est. III, IV) feito à mão, negro, decorado segundo o «Estilo A» por triângulos opostos de vértice comum preenchidos por linhas paralelas a um dos lados. Os espaços losânicos entre eles têm um losango menor também preenchido por linhas paralelas a um dos lados.

À superfície, dentro de algumas centenas de fragmentos, encontramos cerâmica com uma diacronia que vai, pelo menos, desde o «Estilo A» totalmente feito à mão, até cerâmica bem romanizada e outra romana possivelmente de todo o séc. I D. C.

Passamos agora a referir a estratigrafia que nos apresenta a vala: (Fig. 2)

O primeiro estrato é de terra vegetal, encontrando-se quase à superfície cerâmica, tégula e ímbrex. Retirada esta camada, começou a aparecer muito claramente a muralha. Os seus alicerces estão sobre o estrato 3 e a seguir à sua construção forma-se o estrato 2 no fundo do qual nos apareceram as pequenas lascas denunciadoras do trabalho. (Est. 1, fot. 1). Este estrato, o segundo, é de terra escura com carvão. A muralha tem 1,5 m de largura, com faces de bom aparelho. No interior vai alargando até 2,5 m, base também formada por pedras apa-

(10) Noutros castros voltamos a encontrar casos semelhantes, alguns em que a asa ultrapassaria o fundo, não permitindo que poisasse.

relhadas. Pertence esta construção à época romanizada, certamente aos fins do terceiro quartel do séc. I D. C. É para esta época que aponta um espólio abundante que inclui três fragmentos de sigilata Hispânica impossíveis de definir quanto à forma, um pequeníssimo de lucerna, vários de ânfora. Dentre a cerâmica comum, com formas já características da romanização e outras ainda de tradição castreja, toda feita à roda, com predominância para as panelas de lume de perfil em S e vasos menores com forma semelhante. Por não apresentar cerâmica que outras estações não possam definir melhor, evitamos fazer mais referências.

Na base deste estrato, apareceu uma lareira com pedra espetada ao centro e rodeada de barro amarelo com manchas avermelhadas pelo fogo, muito carvão e cinza (Est. 1, fot. 2).

O estrato terceiro, de terra cinzenta-escura e em grande parte anterior à muralha, passando por debaixo desta. Vai até ao terreno natural. A sua cerâmica é essencialmente castreja tardia, feita à roda, predominando as Formas 14, 16, 1 e dólios. Ilustramos deste nível um dos raros fragmentos feitos à mão (Est. IV, 3) de pasta e de técnica castreja, mas com uma forma pouco vulgar. É uma taça larga, carenada, de pasta negra, com bastantes impurezas pequenas e bom alisamento das superfícies.

Este vaso faz-nos a ligação ao ambiente mais antigo encontrado na leitura junto ao caminho, que referimos (Fig. 3).

Este corte, que limpámos, oferecia dificuldades de leitura especiais por ser zona de passagem de águas e de «olhos» de água que transformaram parte dos estratos em veios de areia. Interessa-nos chamar a atenção para duas questões: a datação da muralha aqui confirmada por materiais idênticos aos da vala e mostrando-nos um trecho de face feita de pequenos blocos rectangulares bem ajustados (Est. 2 fot. 1) e o dos estratos anteriores a esta construção. O facto de nos termos limitado à limpeza do perfil e recolha de cerâmica, impede-nos de entender a funcionalidade do muro que se vê no desenho. Sabemos pela análise da estatigrafia, que este é anterior à muralha, assentando sobre o estrato 9, estéril, de terra castanha com pedras de quartzo. Tem de ambos os lados um estrato negro, de terras misturada com carvões e que vai passar debaixo da muralha. Este estrato 8, deu-nos cerâmica

feita à mão, bastante antiga. Dentre ela ilustramos (Est. IV, 4) um bordo de pasta cinzenta-escura com bastantes grãos (grandes) de quartzo, superfícies alisadas e exteriormente coberto de fuligem. Semelhante a este fragmento, temos outros de formas e cronologias algo imprecisas. Junto a estes, aparecem-nos três outros de tradição de «Cultura de Alpiarça» (11). Tigela carenada feita à mão, pasta castanha com pequenos grãos brancos, dura e com superfícies negras polidas com semelhança formal ao tipo 80 de Alpiarça (12), e, outra tigela, alta, também feita à mão, pasta castanha, dura, com superfícies castanhas, tendo a exterior perdido o polimento em quase toda a superfície, encontrámo-lo no interior. Assemelha-se à Forma 70 (12). O terceiro fragmento é uma pança, à altura da carena, não conseguindo identificar a forma.

Se podemos identificar as formas pelas referidas na «Cultura de Alpiarça», cuja datação proposta está entre o séc. V-IVAC, temos também que nos lembrar que elas perduram até aos tempos de Augusto, como nos mostra Conimbriga, ainda que a pasta e a técnica com que se executam sejam bastante diferentes (13).

Não nos parece que uma datação próxima a Augusto seja a indicada para os vasos de Roriz; o seu contexto é estranho aos níveis castrejos desta época e mesmo algo anteriores. Por outro lado, propormos uma datação rodando o séc. V ou IV A. C., parece-nos extremamente arriscado com uma simples limpeza e tão pouco material, ainda que não impossível.

Ficamos portanto à espera que uma situação mais favorável possa esclarecer este problema, tanto mais que conhecemos escavações recentes no Noroeste onde espólio deste género também está presente.

(11) Designação proposta por Gustavo Marques, *Arqueologia de Alpiarça. Estações Representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*, Porto, 1972.

(12) Gustavo Marques e Miguéis de Andrade, *Aspectos da Protohistória do Território Português. 1 — Definição e Distribuição Geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro)*, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Vol. I, Porto, 1974, pág. 141-142.

(13) J. Alarcão et R. Etienne, *Note sur un Habitat de l'Age du Fer à Conimbriga*, sep. s/d, pág. 31 e Jorge Alarcão, *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974, pág. 58 e segs.

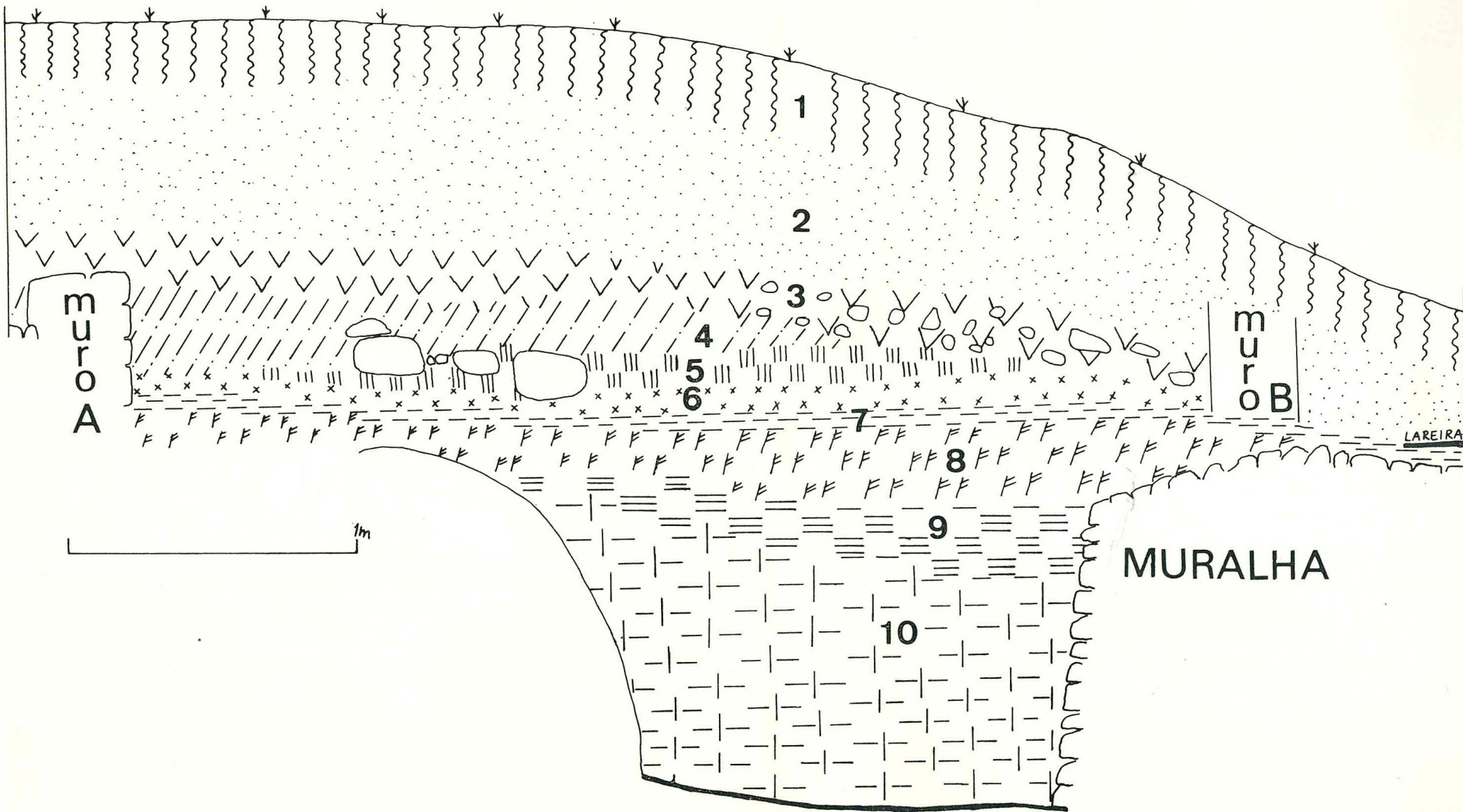


Fig. 1

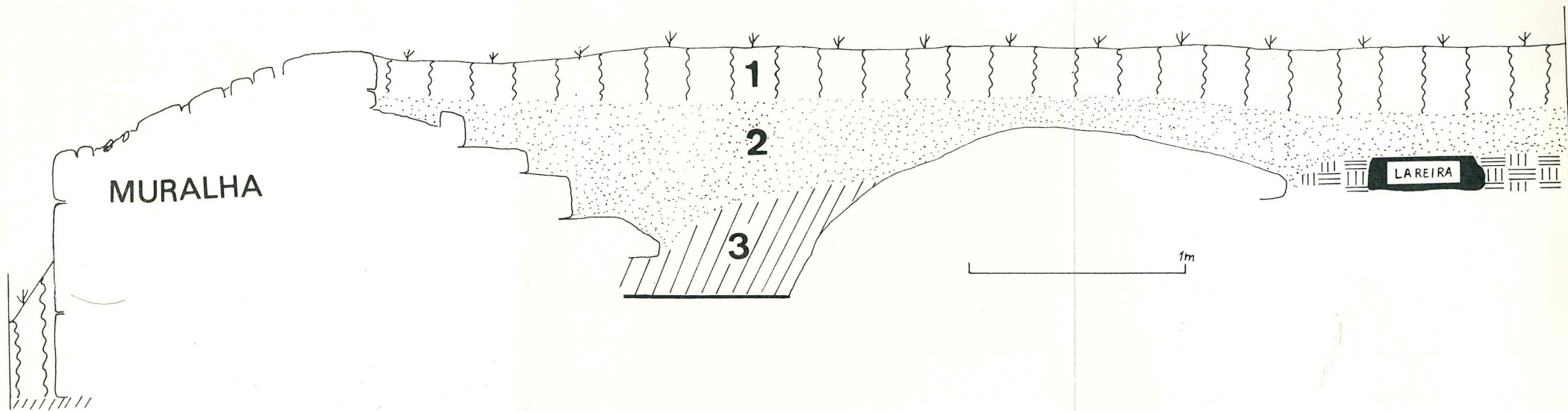


Fig. 2

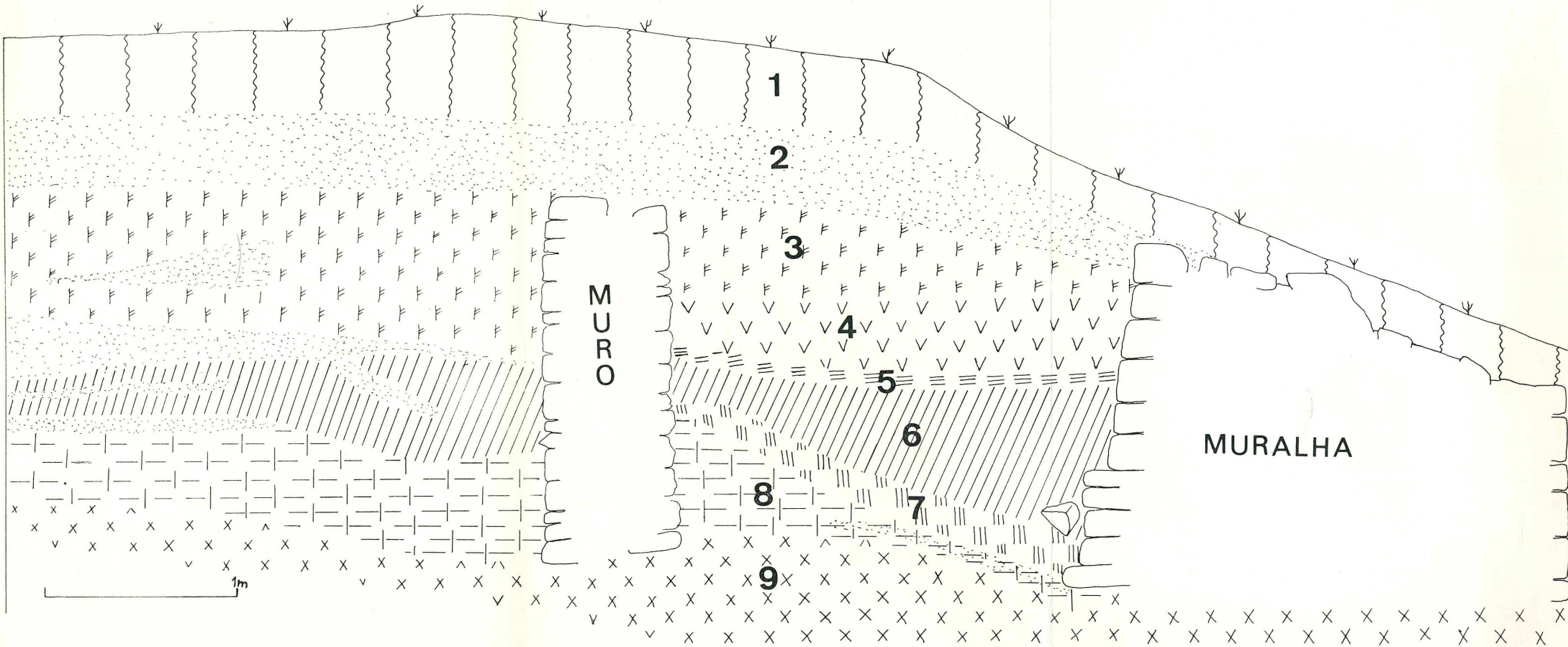
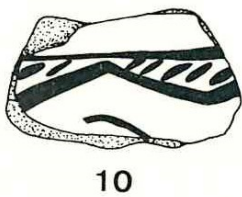
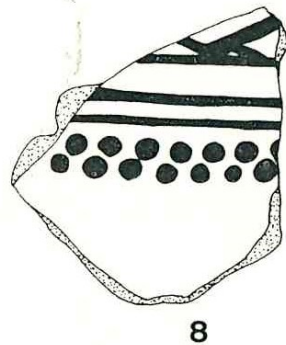
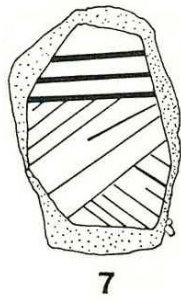
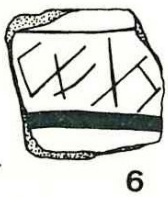
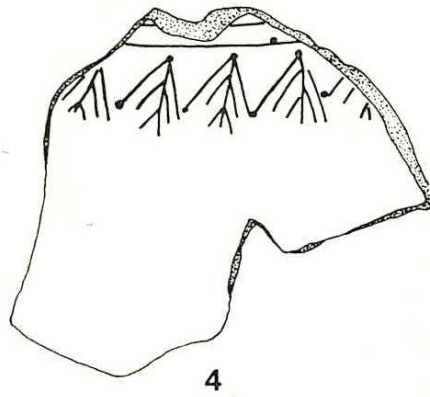
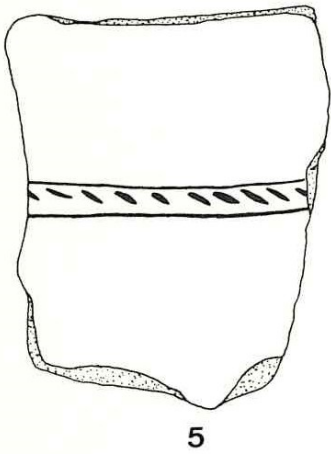
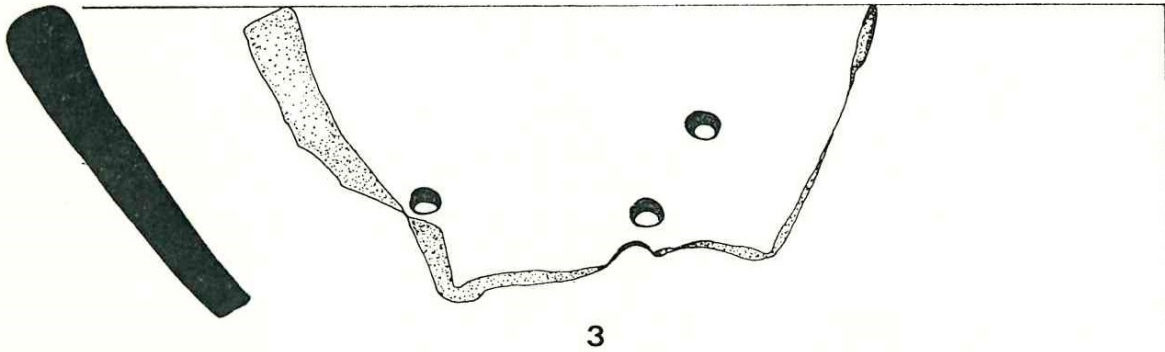
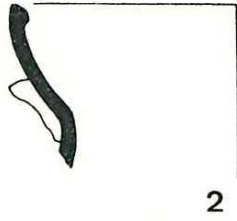
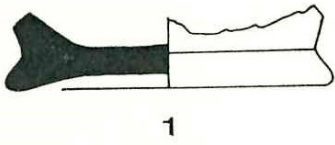
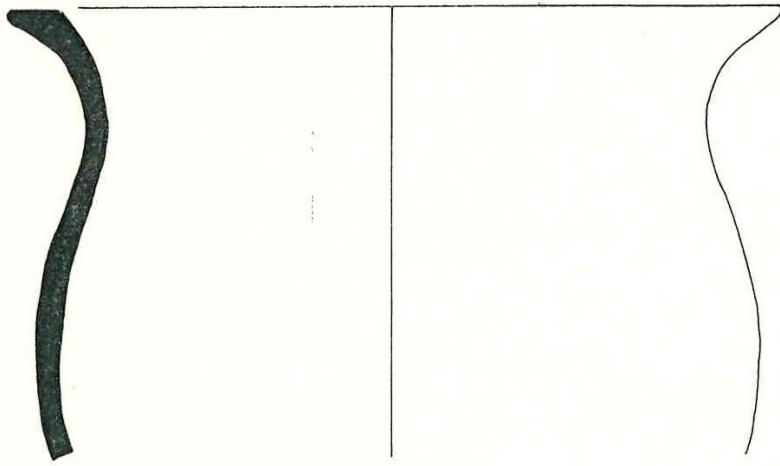


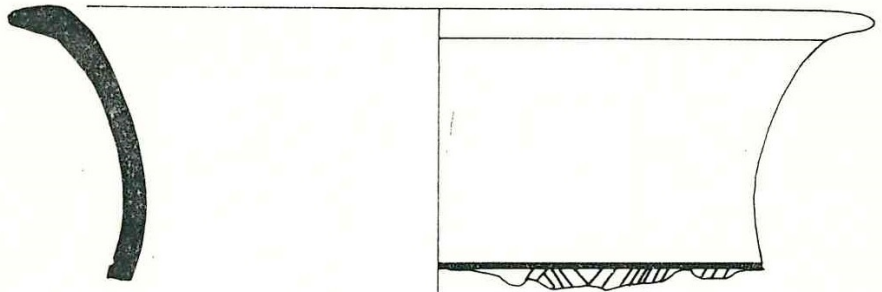
Fig. 3



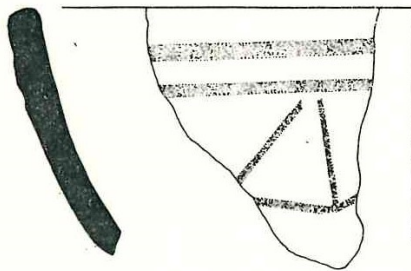
esc.1:2



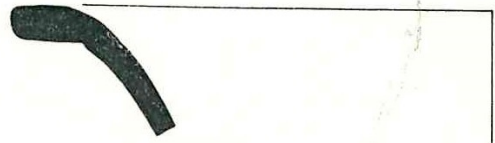
1



2



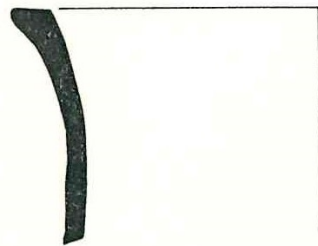
3



4

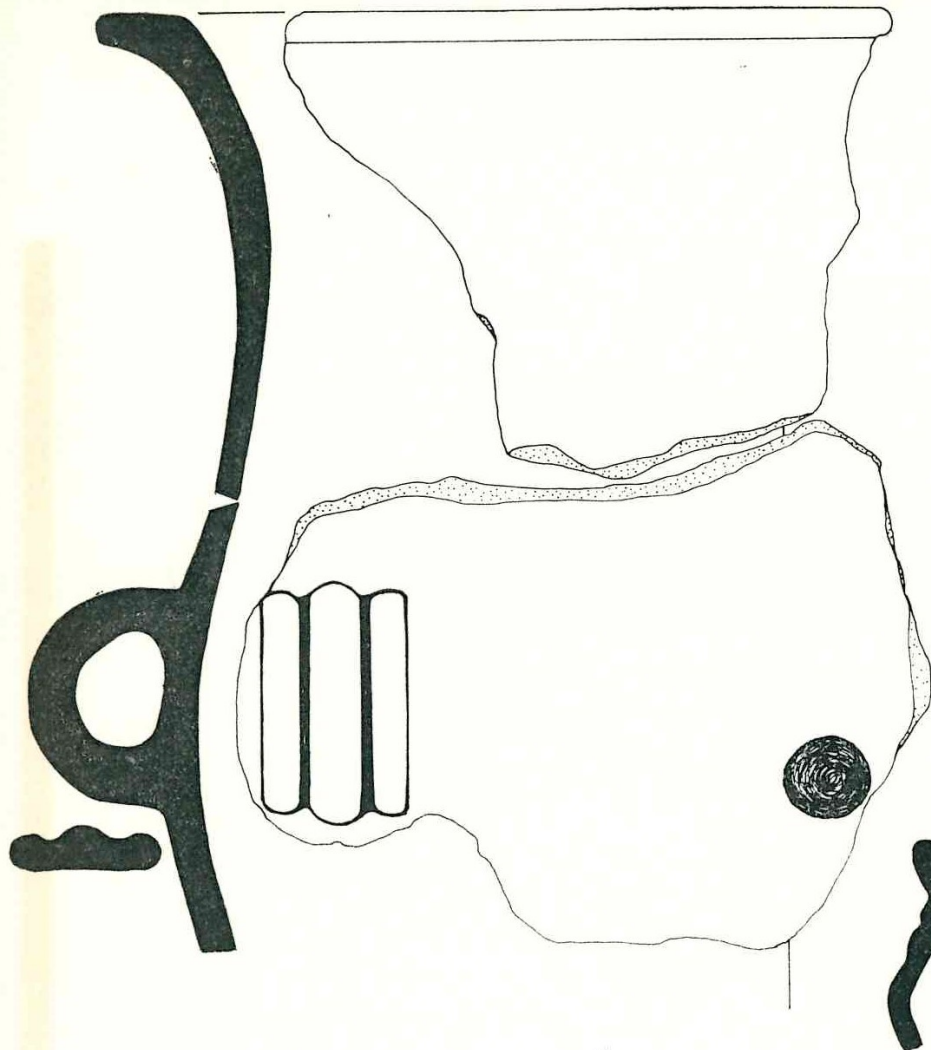


5



6

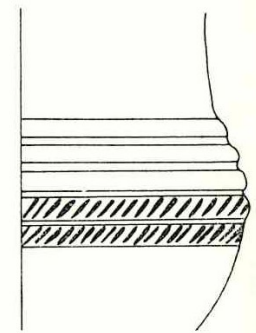
esc.1:2



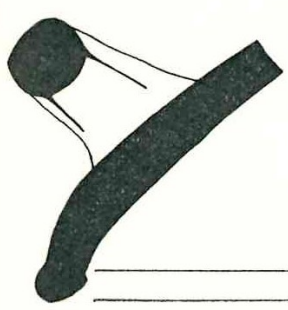
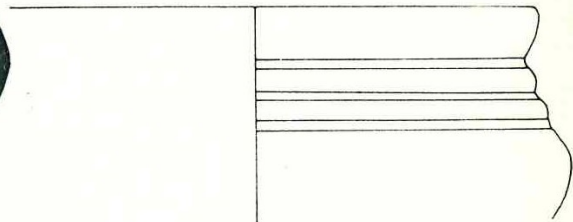
1



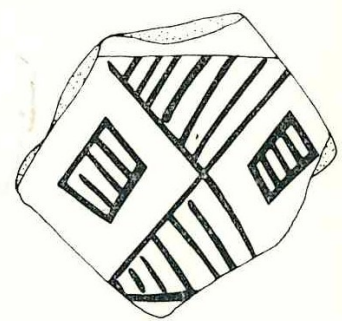
2



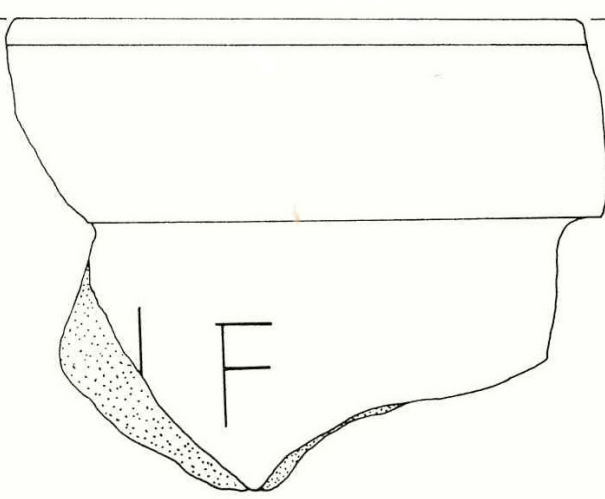
3



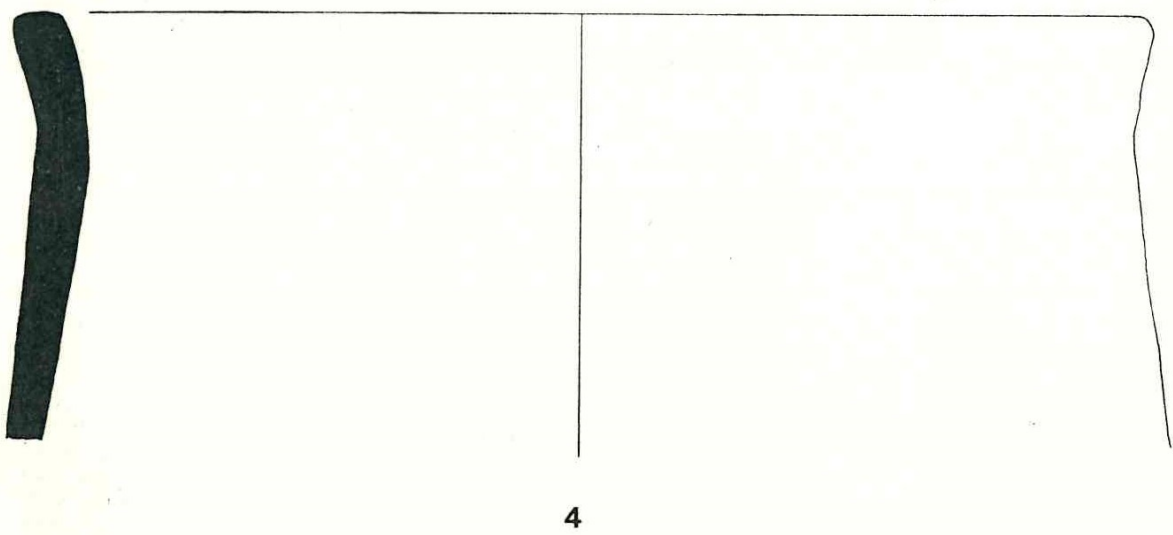
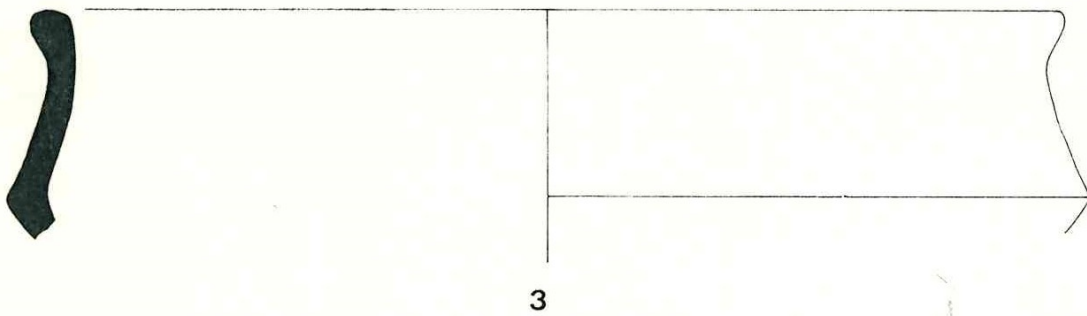
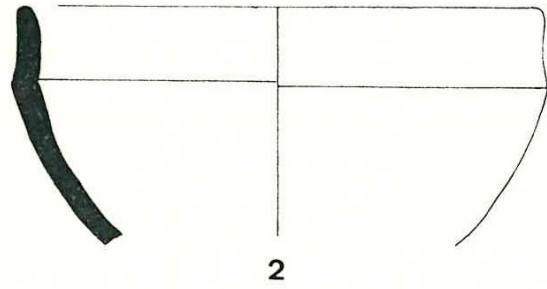
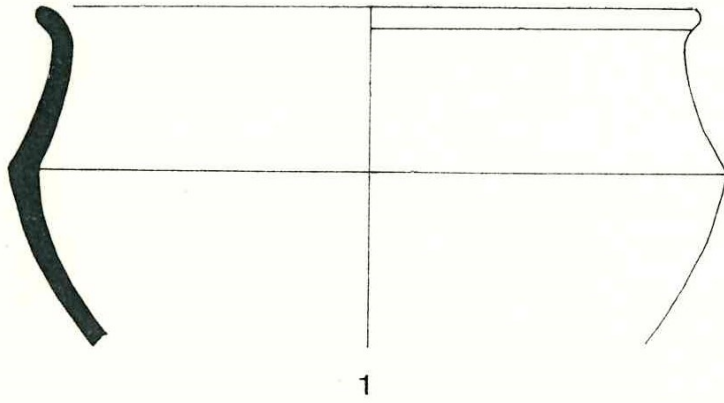
5



4

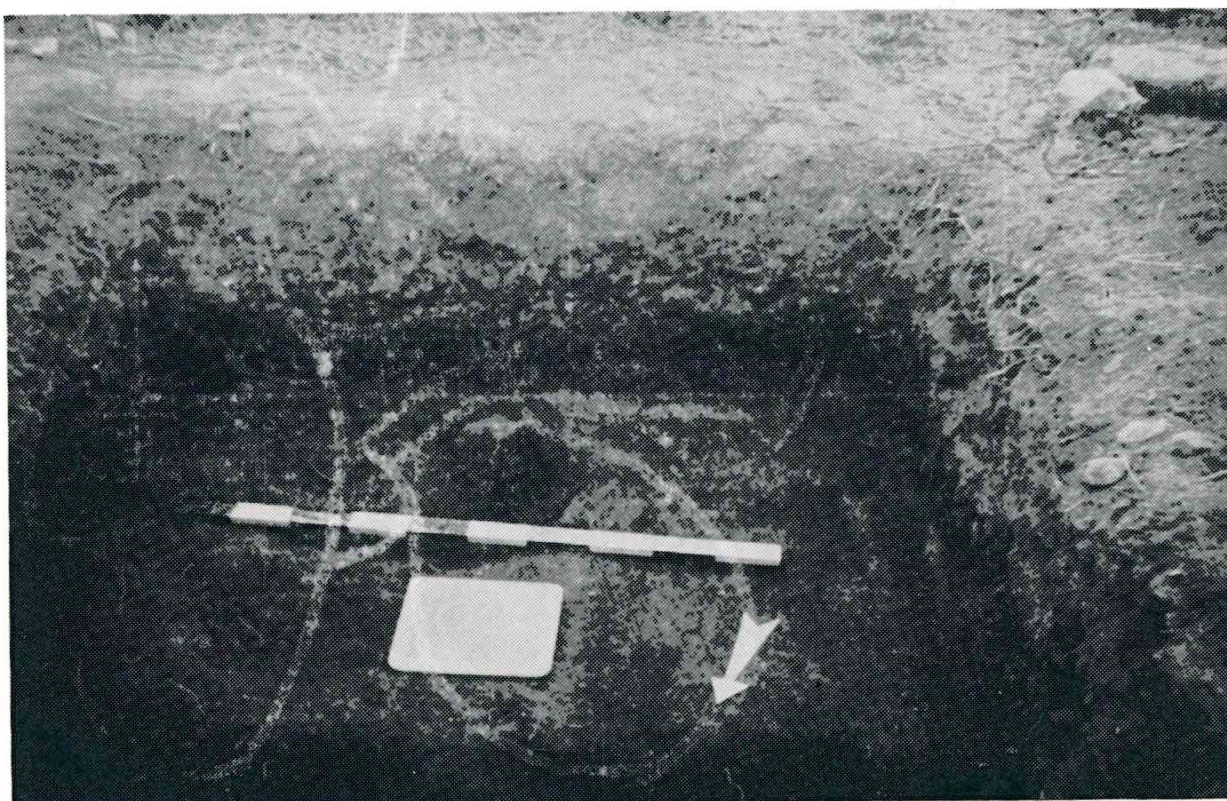


6





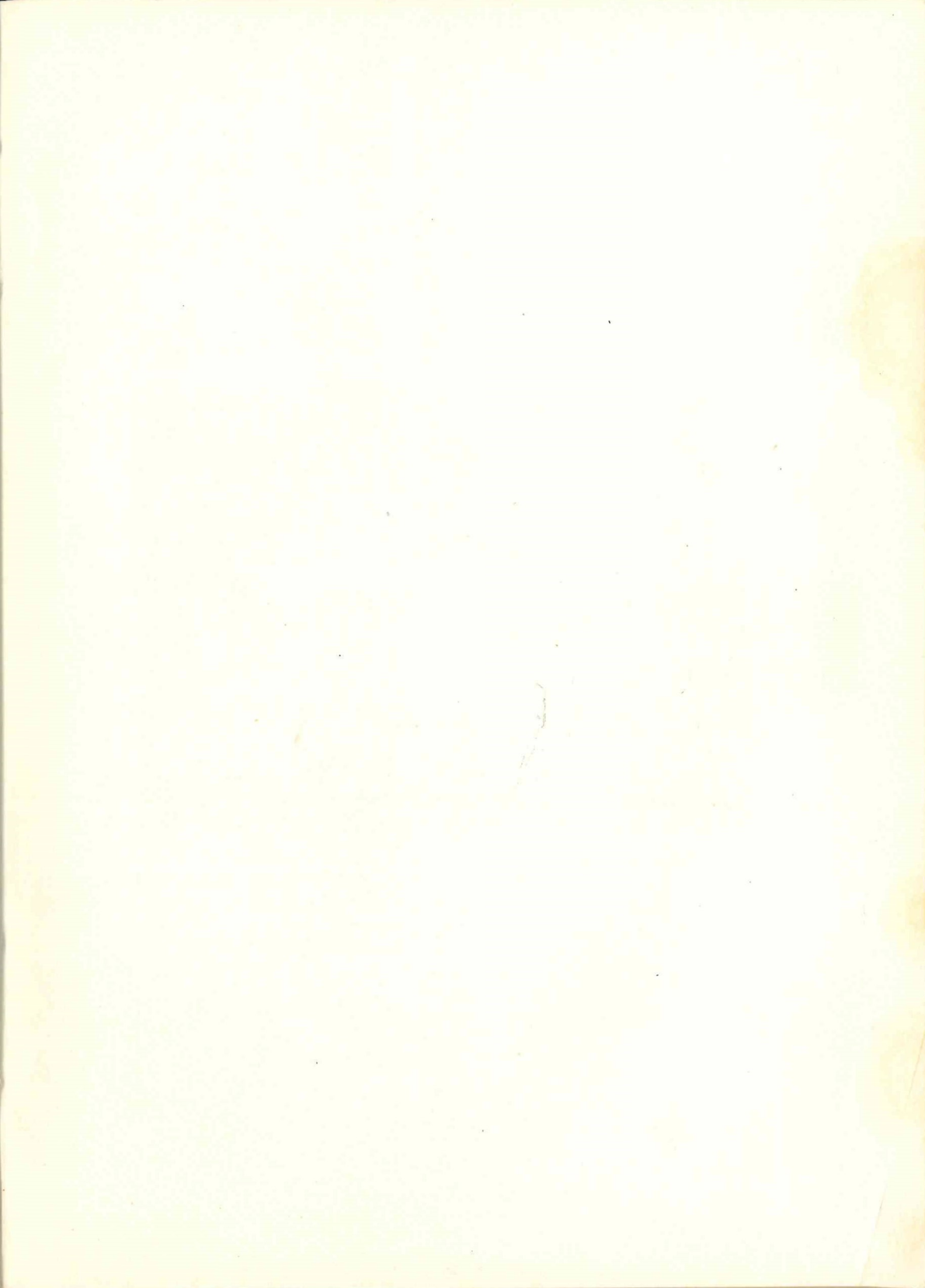
1 — Vala de sondagem do Castro de Oliveira. A muralha já está nos alicerces.



2 — Vala de sondagem. Aspecto da lareira com pedra espetada.



1 — Castro de Oliveira. Aspecto do aparelho da 2.^a muralha.



Composto e impresso nas
Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho
BARCELOS

biblioteca
municipal
barcelos



12418

Sondagens arqueológicas nos
Castros do concelho de